

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



INDIFERENÇA MATERNA E CRUELDADE: A PASSIVIDADE EM QUESTÃO

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Resumo: Pesquisa realizada sobre a crueldade na infância com foco na indiferença materna, sendo a passividade o tema desenvolvido em conceitos psicanalíticos. Os filmes: “Marvin, ou la belle éducation” e “Moonlight: sob a luz do luar” são utilizados para exemplificar os conceitos apresentados.

Palavras chaves: Crueldade, maternidade, infância, passividade.

São Paulo

2019

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



MATERNAL INDIFFERENCE AND CRUELTY: PASSIVITY IN QUESTION

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Abstract: Research carried out on cruelty in childhood with a focus on maternal indifference, with passivity being the theme developed in psychoanalytic concepts. The films: “Marvin, ou la belle éducation” and “Moonlight” are used to exemplify the concepts presented.

Key words: Cruelty, motherhood, childhood, passivity.

São Paulo

2019

Marvim e Black: infância e indiferença materna

1- Descrição de cenas centrais para base do desenvolvimento da pesquisa

1.1 –Filme “Marvin, ou la belle éducation”

A narrativa do filme “Marvin” (ANNE, 2017) ocorre em uma oscilação temporal, em que o personagem Marvin na fase adulta relata sua história entre os dias atuais e sua pré-adolescência. As cenas se referem a lembranças ocorridas na fase pré-adolescente em que Marvin sofria extrema crueldade por ser alvo de bullying na escola, além de evidenciar também a vivência com a indiferença materna.

Na cena inicial, os meninos correm atrás de Marvin pela escola, o chamam de gay e usam palavras pejorativas em tom ameaçador com conotação sexual e atos agressivos. O personagem principal demonstra sua dor, sempre silencioso, com lágrimas nos olhos, porém não apresenta reações, nem pedidos de ajuda ou tão pouco apresenta sinais de luta para tentar se livrar ou denunciar seus agressores.

Em outra cena, Marvin volta para casa, após sofrer as agressões, com rosto machucado. Sua mãe que está cozinhando e assistindo TV, o vê passando, e pergunta: “você andou brigando na escola?”. Ela volta-se para a TV.-Nitidamente a mãe não espera uma resposta e nem Marvin se preocupa em responder.

Após o episódio das agressões, Marvin, inventa uma febre para não ir à escola, a mãe acata, sem qualquer demonstração de interesse. Durante a tarde, somente os dois em casa, a mãe sentada, fazendo suas unhas, conta a Marvin que seu irmão mais velho nasceu na privada. Ela achou que ia fazer cocô. O pai ficou bravo, afinal era seu primeiro filho. Sem qualquer pudor a mãe diz a Marvin que ele também poderia ter nascido assim: *afinal sou uma galinha poedeira* – diz ela a ele.

Em todas as cenas com a mãe, Marvin permanece num canto da sala, numa ponta da escada, nenhuma palavra é dita, o garoto não emite nenhum som. Ele somente observa em silêncio.

1.2 –Filme: “Moonlight: sob a luz do luar”

No filme Moonlight: sob a luz do luar (BERRY, 2016) filme a narrativa ocorre de maneira progressiva na vida do personagem iniciando na pré-adolescência e depois adolescência. As cenas ocorrem na fase pré-adolescente, época em que o personagem era conhecido como Little, mais tarde um amigo o nomeia como Black. O filme inicia com o menino correndo pela rua, perseguido por outros meninos com pedaços de madeira nas mãos, gritando: *vamos, pegue esse viadinho*, ele consegue entrar numa casa abandonada, trancando a porta atrás de si, tampa os ouvidos, enquanto ouve gritos, batidas na porta, tijolos sendo jogados e quebrando vidros da janela. Black se agacha, fica escondido, em total silêncio.

Tal como ocorre no filme Marvin, também nesta cena não se ouve a voz do personagem Black. O menino é salvo por um homem que ao levá-lo em casa, conta a sua mãe, que ele foi perseguido por outros meninos e que estava muito assustado, a mãe diz: *ele normalmente sabe se virar sozinho*. Esta mãe se apropria do filho, dizendo “*ele é meu filho*”, mas, em nenhum momento verdadeiramente se interessa por ele, não pergunta como está, onde passou a noite ou o que houve. A mãe de Black é usuária de drogas e nitidamente está mais absorta em conseguir a droga do que olhar para o filho.

A difícil relação com sua mãe é descrita em outras cenas:

Novamente Black é levado a sua casa, bate na porta, a mãe abre, o puxa para dentro, pega a droga em cima da mesa, chama para o quarto homem que ali estava, entram no quarto e fecham a porta. Nem uma palavra, nenhum gesto, nenhum som, nada é dirigido ao filho e mais uma vez Black fica parado, em silêncio, olhando para o corredor vazio. Em toda a cena este menino permanece na condição de *resto*.

Em outro momento do filme, sua mãe o manda passar a noite fora pois terá companhia a noite, ela sabe onde ele procurará abrigo e que ao voltar para casa no dia seguinte, voltará com dinheiro ganho onde recebe acolhimento. A mãe grita, ao vê-lo entrar em casa “*onde está? anda me dá logo*” vasculhando seus bolsos, até encontrar o dinheiro para comprar drogas, ela acha o dinheiro em seus bolsos, o pega e sobe as escadas. Black fica imóvel, não existe na cena como sujeito, somente como coisa.

Nas duas transcrições dos filmes, *Marvin ou la belle éducatione Moonlight:sob a luz do luar* foi observado traços comuns em função do rechaço das mães dirigidas às crianças e a posição subjetiva das crianças de expressar uma relativa passividade e indiferença quanto aos maus-tratos sofridos, porém com variantes importantes.

Sabe-se que o quadro clínico que maior expressa a indiferença do sujeito diante dos laços é a melancolia. Para fins de pesquisa, a conceituação da melancolia é aqui adotada como uma baliza. Através da metapsicologia e da fenomenologia melancólica podemos recolher tanto as dissonâncias quanto as semelhanças conceituais para elaborar aspectos que compõem a estranha posição passiva e indiferente de Marvin e Black na vida.

2 - Crueldade e Melancolia: articulação conceitual

2.1 Luto e Melancolia

Segundo Freud no texto *Luto e Melancolia* (1915), o que diferencia o luto da melancolia são os afetos envolvidos em sua relação com a perda, que pode ser representado tanto pela morte na realidade da palavra, ou por uma perda simbólica, como de um sonho por exemplo. Para o teórico, o luto é um estado passageiro, já a melancolia é um quadro clínico que acompanhará o sujeito por toda sua vida.

No luto, os afetos mais presentes são culpa e ódio pelo objeto amado. No estado de luto, diante da perda do objeto de amor, o sujeito tem consciência de quem ou do que perdeu.

Para superar o luto, o *ego* passa por algumas ações psíquicas, há um trabalho feito pelo *ego* para reintegrar essa perda do objeto amado, havendo no processo de luto um reordenamento do sujeito com a perda. O mundo no estado de luto é pobre e vazio, há uma ferida aberta, uma sombra do objeto perdido que cai sobre o *ego*.

Considerando que houve condições psíquicas para que se ultrapasse o processo de luto, se obtêm uma elaboração da perda deste objeto, tendo como efeito a possibilidade de seguir em frente. Freud considera o processo pelo qual o *ego* passa no luto, como saudável e natural. Assim, ao término do luto, o mundo deixa de ser pobre e vazio, o *ego* se torna efetivamente livre e volta a funcionar sem inibições.

Em compensação na melancolia não se sabe com clareza qual foi o objeto de amor perdido, assim Freud relaciona este estado mórbido, como uma perda de objeto que escapa à consciência, diferentemente ao processo de luto:

O melancólico exhibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu *ego* em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio *ego*. O paciente representa seu *ego* para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e envilece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível. (FREUD, 1915, p. 251).

O melancólico se comporta com grande incômodo, como se tivessem sido muito ofendidos e sofrido uma grande injustiça. Em todo este processo, a libido fica recolhida para dentro do *ego*, não sendo liberada e afirma Freud: “Ele se encontra, de fato, tão desinteressado e tão incapaz de amor quanto afirma. Mas isso, como sabemos, é secundário; trata-se do efeito do trabalho interno que lhe consome o ego – trabalho que, nos sendo desconhecido, é, porém, comparável ao do luto.” (FREUD, 1915, p. 252)

A conclusão deste processo é que houve uma perda do objeto no seu *ego*, causando uma substituição do amor depositado no objeto (como acontece no processo de luto) para uma identificação com o objeto, relacionadas aos afetos narcísicos do sujeito, ligadas a fase oral e afirma: “Assim, na regressão desde a escolha objetual narcísica, é verdade que nos livramos do objeto; ele, não obstante, se revelou mais poderoso do que o próprio ego”. (FREUD, 1995, p 257)

Na melancolia há o conflito de ambivalência entre o amor e o ódio que pode ser constitucional, isto é, estará presente em qualquer relação que o sujeito tenha, ou também pode ser decorrente de experiências que implicam na ameaça de perda do objeto.

Freud descreve esse conflito inconsciente:

O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento para um novo - mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetual provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre foi deslocada para outro objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por uma agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação. (FREUD 1915, p.254)

O melancólico vive o mesmo vazio que o sujeito neurótico vivência no processo de luto, porém como não há uma perda consciente, não ocorre o processo de elaboração da perda, desta forma o sujeito permanece no vazio, gerando na vida uma impossibilidade

de perder, como se sempre estivesse com uma ferida aberta que esvazia o *ego* até seu total empobrecimento. Nas palavras de Freud: “É assim que encontramos a chave para o quadro clínico: percebemos que as autorrecriações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente”. (FREUD, 1915, p. 254)

2.2 -A Crueldade Melancólica

O título do livro: *A Crueldade Melancólica*, JACQUES, H. (1995), oferece um indicativo de seu conteúdo. A crueldade está presente no quadro clínico do melancólico sendo a indiferença, em seu extremo, sua marca.

A melancolia é marcada pela impossibilidade de realizar o luto de um objeto, nomeada pelo autor como a doença do luto impossível.

Em cada capítulo há descrições de diferentes modalidades de efeitos e saídas em sujeitos melancólicos. Algumas expressões se repetem na narrativa do autor: “luto impossível”, “momento do desmame”, “passividade”, “sem desejo” e “ferocidade”.

Ao se falar de quadro clínico é necessário retornar ao nascimento do sujeito. A mãe deste sujeito melancólico, vivenciou na gestação e/ou nascimento de seu filho um luto que a impossibilitou de investir amor. No *Seminário 4: A relação de Objeto* LACAN J. (1956/1957). descreve em três passagens diferentes o amor investido como o “dom materno”:

(...) uma relação real, seio (...) como exemplo, a partir do momento que a mãe vira potência(...) esses objetos que eram até então pura e simplesmente objetos de satisfação, tornam-se por parte dessa potência, *objetos de dom*. (...) os objetos que a criança quer reter consigo não são mais tanto objetos de satisfação, e sim a marca do valor dessa potência que pode não responder, e que é a potência da mãe. (...) a mãe se tornou real e objeto simbólico. O objeto tem, a partir daí, duas ordens de propriedade satisfatória, ele é duas vezes objeto possível de satisfação – como anteriormente, ele satisfaz a uma necessidade, mas também simboliza uma potência favorável. (LACAN, 1956/1957, p. 69. *grifo nosso*)

A frustração incide sobre algo que vocês são privados por alguém de quem poderiam, justamente, esperar o que lhes pediam. O que está em jogo é menos o objeto que o amor de quem lhes pode dar este *dom*. (...) com efeito o dom só é traduzido, inicialmente, no elemento de uma certa gratuidade. Ele vem com o outro. O que há por trás do outro, a saber, toda a cadeia que motiva esse dom, ainda está desaparecida, e é só depois que o sujeito poderá perceber que o dom é bem mais completo que parecia no começo, que ele interessa toda a cadeia simbólica humana. Inicialmente há apenas o confronto com o outro e o dom que surge. (...) *O dom*, se trazido como tal, faz em todos os casos evanescer-se o objeto como objeto. Se a demanda for atendida, o objeto passa a segundo plano. Se a demanda não for atendida, o objeto se evanesce igualmente. (LACAN, 1956/1957, p. 101. *grifo nosso*)

(...) que a frustração realizada por quem quer que seja que se refira à mãe é frustração de amor- que tudo o que vem da mãe como correspondendo a este apelo é *dom*, isto é, algo além do objeto. Em outras palavras, existe uma diferença radical entre, por um lado, *o dom* como signo de amor, que visa radicalmente a alguma coisa outra, um mais-além, o amor de mãe e, por outro lado, o objeto, seja qual for, que venha para a satisfação das necessidades da criança. (LACAN, 1956/1957, p. 127)

O dom aliado aos cuidados maternos marca o *infans* numa fantasia inconsciente onde se sente pleno e passará a vida tentando retornar a esta plenitude que foi perdida no desmame. Como este *infans* não recebeu o dom, tão estruturante para sua formação subjetiva, ele não sofreu a primeira falta fundamental, portanto, só se pode perder o que se recebe, tal como afirma Hassoun:

(...) o melancólico é aquele que não conheceu uma experiência de perda e de um primeiro luto subjetivante (...). Algo lhe foi sacrificado, mas nada lhe foi dado. O dom, ou seja, a perda do outro no Outro, não pôde se manifestar em relação ou na direção dele. Ele não pôde ter acesso ao dom. E deste impossível ele não se refaz. (HASSOUN, 1995, p.118)

A partir de fragmentos clínicos o autor levanta a hipótese que o melancólico lidou com uma mãe que não pôde acompanhá-lo no desmame, sendo assim vítima da impossibilidade de o Outro materno sustentar um desmame e propõe que “(...) a criança só pode ceder aquilo que se constituiu como perdido pelo Outro. É nessa operação que o objeto se constitui” (HASSOUN, 1995, p.45).

O melancólico seria então aquele a quem a falta de reconhecimento do Outro, onde o *infans* encontrou mais ausência e vazio, tem consequências subjetivas que são evidenciadas na forma como o sujeito demanda e deseja, fazendo com que não possa investir nem desejar nada.

A consequência para a criança do não investimento materno pode ser uma falência na maneira como a criança irá articular sua demanda dirigida ao Outro, tal como propõe a autora Daniele Sanches, 2018 no texto: “*Notas sobre silêncio e passividade ou Luto e Melancolia: falências da demanda.*”

No decorrer da vida o sujeito vê sua relação com o objeto paralisada numa tristeza sem fim, não possuindo recursos psíquicos para vivenciar a angústia que poderia surgir na relação com o objeto, e é a partir desta tristeza e vazio que vai amar.

Os afetos mais presentes parecem viver a ambivalência entre o amor e o ódio, em relação à pessoa amada, vendo o mundo mais próximo desta pulsão de morte. O mundo é visto numa tristeza negra, um horror paralisante e é desta perspectiva que o melancólico ama.

O autor em vários momentos traz a imagem de uma rosa, para evidenciar como o melancólico olha para seus objetos de amor. Ao olhar a rosa, não vive a beleza do momento ou seu perfume, mas a olha já sabendo que vai perder suas pétalas, exalar um odor podre e que vai morrer: “(...) pois a morte, deserção de um ser querido ou de uma idealidade, só pode precipitá-lo nesta questão impossível: como, provido de saber, pôde ele viver, desejar e amar essa podridão?” (HASSOUN, 1995, p. 77)

Diante deste saber sobre a rosa, conviver e ter relações afetuosas, amorosas com o sujeito marcado pelo quadro clínico da melancolia, é onde a crueldade impera.

A imagem da crueldade expressa no ápice da indiferença materna é cristalizada no filme *Melancolia*, de Lars Von Trier, 2011. Trata-se de um retrato da crueldade desde a perspectiva da indiferença, tanto direcionada a si mesmo quanto aos outros que tem relação de afeto.

O filme *Melancolia* retrata o horror de uma dor sem fim e do quanto é destruidor amar ou ser amado por Justine, personagem principal, severamente melancólica. No filme dividido em duas narrativas, o meteoro “melancolia” vem para destruir aquele mundo, o mundo do melancólico, na qual pertencem, além de Justine, sua irmã, um sobrinho, e o cunhado.

É interessante a imagem secundária do cunhado que tenta salvar a esposa e filho, mas aparece morto, antes mesmo do meteoro melancolia atingir a terra, afinal ele inexistente no mundo melancólico.

Imagem esta que nos é retratada no filme e destacada pelo autor sobre a crueldade na melancolia:

Desde logo, tornado *um homem sem qualidade*, sem reconhecimento, o melancólico se afunda na apatia. Ele não espera mais nada. Está instalado no curso do tempo e o imobiliza por sua simples presença, nem morto, nem vivo, nem desejante, nem absorvido por uma paixão qualquer, o melancólico vive a extrema crueldade que o mundo exerce contra ele como a expressão lógica que lhe é radicalmente estrangeira, à qual ele responde com uma outra lógica: aquela enigmática, da sua crueldade inerte. (HASSOUN, 1995, p. 118)

Nesta citação, a descrição da indiferença materna melancólica dá a entender que se fala do extremo da indiferença. Este extremo não é o mesmo que se apresenta nas mães dos personagens Marvin e Black. Elas possuem características semelhantes, mas não a indiferença extrema, como o objeto nada, presente na melancolia sem a ferocidade.

Marvin e Black existem sim para as mães, mas ocupam um lugar de *resto* e não de *nada*. Ao serem estruturados num lugar de resto, o efeito é uma passividade constante, não somente no laço social, mas na vida e na relação com o próprio corpo. Não sem desejo, trata-se do inverso encontrado na ferocidade melancólica, pois passam a vida despercebidos, não incomodam a ninguém com sua existência e tampouco parecem ser afetados por ela.

Em outra citação o autor se refere a crueldade existente no laço social, evidenciando a passividade.

(...) é frequentemente desencadeada por uma situação que o ultrapassa e o confronta com sua impossibilidade de reagir face ao acontecimento. A vida social, a vida institucional, nos oferecem muito exemplos: toda apassivação dos cidadãos acarreta fatalmente uma retirada dos investimentos de objetos, característica dos melancólicos. Face ao enigma que propõe a violência do Outro, o sujeito – aqui tornado sujeitoado- se vê como confrontado a uma ausência de alteridade. No lugar daquilo que faz laço social – audível, compreensível – surge repentinamente um espanto no qual o sujeito irá se alienar. Essa perda de referências – e seus efeitos de desligamento- encontra seu princípio numa ferocidade emprestada ao outro, e se impõe ao sujeito como uma lembrança de uma dor, o sentimento indefinível de uma perda que o mergulha no sofrimento, na indignação, na inibição e na passividade. (HASSOUN, 1995, p. 19).

A passividade no laço social e relativa indiferença quanto à sustentação de um desejo apresenta-se como uma semelhança nos efeitos na vida de Marvin e Black.

Como escreveu Hassoun (1995), há modalidades de crueldade, modalidades de indiferença e elas possuem efeitos diversos no sujeito.

2.3 As Vociferações

A vociferação se encontra ligada ao estudo da voz pela psicanálise, estudo que se centra no lugar causa de desejo e lugar do sujeito no discurso (MAURO MENDES DIAZ)

A crueldade é uma das modalidades das relações de ódio. Os laços de ódio foram conceituados por Mauro Mendes Dias, no projeto *As vociferações e seus tratamentos possíveis*. O projeto articula as diferentes manifestações de ódio através do conceito de voz do sujeito, que não se confunde com o elemento sonorizável, mas sim refere-se a uma capacidade invocante dirigida de um a Outro. É justamente esta capacidade de invocar o Outro que parece estar apagada tanto em Marvin quanto em Black.

Há algo que precede a existência, na condição de “ser ocupado pelo que vem do Outro”, por exemplo, pelo nome próprio. A condição de ser tomado pelo outro é essencial para poder advir um sujeito diferenciado, se o outro se afasta, o sujeito não existe e morre. Tal como afirma Mauro Mendes:

A vociferação é marcada pela voz que nos constituiu, que deixou marcas em nosso corpo, essas marcas se mantêm presentes desde antes que o *infans* pudesse entrar na dialética da demanda com o Outro, antes mesmo que pudesse emprestar algum tipo de significação ou uma mensagem que vem do Outro, ou seja, a vociferação é isso que resta em cada sujeito, como marca no corpo. A vociferação é então, uma falha no ser e essa falha é ineliminável. (...) Essa falha no ser tem como consequência que o sujeito manterá na relação com esse Outro a identificação com a falta de reconhecimento que vivenciou e na medida em que se coloca neste lugar, se identifica com sua própria dejeção, ou seja, como lixo. (DIAS M. M.)

Ocupar para o outro o lugar de dejetivo é complexo. Em se tratando de uma criança, ocupar o lugar de dejetivo para mãe é a crueldade em curso, pois a criança não dispõe de qualquer autonomia que possa lhe retirar dali. É por isso que HASSOUN, (1995) propõe que o afeto de crueldade atinge sua maior expressão na melancolia. Também para

Mauro Mendes, “o sujeito estando tomado pela voz se identifica com o lugar de dejetivo, aquilo então que precisa ser extinto, expulso, incinerado e a realização disso é a vociferação. A vociferação não existe sem causa” – afirma o autor.

A crueldade não se encerra num afeto, a crueldade se atualiza numa ocupação que precede a existência do sujeito.

Desta forma, a crueldade na vociferação é caracterizada da seguinte maneira:

(...) essa condição de ocupação na crueldade é contada pelo sujeito da pulsão, essa condição de ser ocupado e ocupar ele reproduz a despeito das soluções que ele deu, pode ser mais ou menos simbolizado, mas enquanto sujeito que está na dependência de um Outro para se constituir e que sustenta sua existência à partir da relação com o Outro, a estrutura de ocupação se atualiza nas suas relações. A indiferença é quando o outro não conta (DIAS M.M.)

Freud, no texto *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*, FREUD, S. (1905). considera que o afeto que poderia fazer barreira ao exercício da crueldade é a compaixão e Mauro Mendes Dias acrescenta ainda a solidariedade.

O grupo de pesquisa “Crueldade e Infância”, desenvolvido no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, procurou ao longo de dois anos construir conceituações para delimitar o campo da crueldade, diferenciando-o de outras manifestações de ódio, tais como a agressividade e a violência. Tal como define a pesquisadora Daniele Sanches, 2019: “A crueldade visa não a destruição do outro, ela visa sim manter o outro no limite, em que ele ainda responde como sujeito, prestes a se tornar (deixar o outro como) mero objeto. (...) crueldade opera no limiar entre ser objeto e ser sujeito”.

A autora Daniele Sanches (2019) em sua pesquisa considera a crueldade um circuito que “atende a duas condições: 1) há uma verdade oculta na cena; 2) o sujeito alvo é desprovido de qualquer possibilidade de escolha sobre o lugar que virá ocupar nela. (...) o sujeito alvo da crueldade costuma ser mantido desprovido de qualquer possibilidade de escolha sobre o lugar que ocupa”.

Neste contexto, a criança ocupa uma posição privilegiada para ser o alvo da crueldade, uma vez que não tem qualquer autonomia para se remover de determinados tipos de laços, principalmente em relação à posição que ocupa perante o casal parental, tal como Jacques Lacan define no texto *Notas sobre a criança* (1969).

2.4 Nota sobre uma criança

Segundo Lacan (1969), os pais sonham com os filhos, criando uma utopia, porém a criança em sua singularidade rompe os sonhos dos pais, gerando fracasso. O autor afirma que a família conjugal possui um resíduo desta frustração que está presente em uma constituição subjetiva mantida por muitas gerações e nas palavras do autor: “É por tal necessidade que se julgam as funções da mãe e do pai. Da mãe, medida em que seus cuidados trazem a marca de interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas”. (LACAN, 1969, p. 369)

Em outra passagem, o autor fala sobre a relação da mãe com a criança: “A articulação se reduz muito quando o sintoma que vem a prevalecer decorre da subjetividade da mãe. Aqui, é diretamente como correlata de uma fantasia que a criança é implicada”. (LACAN, 1969, p. 369)

A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna

o “objeto” da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. (LACAN, 1969, p 369).

Lacan considera que o sintoma que a criança apresenta tem condições de nos dar indicativos da representação da verdade do que existe de sintomático na estrutura familiar. Essa afirmação é de demasiada importância para a experiência clínica, sendo extremamente significativo no tratamento analítico, como se o sintoma se definisse neste contexto como representante da verdade.

3 - Marvin e Black: a passividade em questão

A crueldade muitas vezes aparece na clínica de modo bem sutil, porém o estudo associado à experiência permite o despertar do interesse e da maior percepção destes casos no dia a dia.

A construção da subjetividade de todo homem passa pela linguagem, somos seres falados e sonhados antes mesmo de existir, o que nos torna indivíduos tomados pela fala e pelo interesse oriundo do desejo do Outro.

No texto apresentado por Ana Maria Colli, *A crueldade mãe e filha* (2019), observou-se uma maior expressividade de teorização da crueldade na relação entre mãe e filha, uma das sutilezas encontradas foi a crueldade presente nesta relação e o estudo se baseou nos efeitos nos filhos que receberam a indiferença materna.

Nesta discussão não foram levantadas hipóteses sobre a subjetividade das mães, pois a história materna não foi apresentada. As análises se basearam nas relações dos filhos com suas mães, em que a indiferença se apresenta como oculta nas cenas e os efeitos nos laços sociais.

Tal como visto, no filme *Melancholia*, uma das modalidades da melancolia é trazida com maestria, descrevendo o grau máximo da indiferença materna. O sofrimento da personagem principal é tão expressivo que a imagem do filme é representada por um meteoro que vai em direção ao mundo para destruir a personagem e as pessoas que ama e a amam.

Na trama, a personagem principal, que é melancólica, recebe da mãe, um olhar áspero, desprovido de qualquer nuance de compaixão e repleto de indiferença, o pai também não demonstra qualquer interesse, não a vê e não a escuta.

O sofrimento da personagem é tão grande que incomoda as pessoas que a amam e são amados por ela, a irmã e sobrinho, fazendo com que a convivência seja regada a ferocidade, descritas em cenas que oscilam entre gritos, agressões verbais e físicas, Momentos de total apatia desprovidos de tônus muscular, em que a personagem precisa ser alimentada e banhada

e também em situações em que não existe a menor preocupação com a opinião alheia, como na sua festa de casamento em que faz sexo com outro homem.

Os sujeitos melancólicos como não foram reconhecidos no afeto pela mãe, não receberam o dom materno, se consideram sem valor, se identificam com o *nada*, por isso existe em seu quadro clínico uma recusa do olhar e da voz como se não houvesse valor. Diante disso, estes indivíduos não passam despercebidos, sendo sua existência vivida com imenso sofrimento consigo e a quem destinam seu afeto.

Quando analisamos os filmes *Marvin* e *Moonlight* a indiferença materna quase passa despercebida, pois está presente nas sutilezas do dia a dia e não na ferocidade, tal como no filme *Melancolia*. As cenas iniciais demonstram extrema crueldade que os personagens *Marvin* e *Black* sofrem na escola quando crianças, nestas cenas observa-se semelhança nas atitudes dos meninos, caracterizada por passividade.

A passividade os fez alvo dos atos cruéis na escola, caracteriza pelo olhar distante, sem horizonte, possuem aspecto contido, costas eretas, meio sorriso, apresentam uma falta de reação, não pedem ajuda, não buscam soluções ou proteção, não emitem nem um grito, nenhuma palavra. A falta de iniciativa, com autoridades da escola, amigos ou na própria casa é uma característica dos personagens.

O sofrimento se apresenta pelo olhar, pela lágrima e pelo silêncio. É como se quase estivessem indiferentes ao sofrimento que lhes é imposto.

Marvin e *Black* não possuem voz, não somente a voz expressa na linguagem, mas a hipótese desta pesquisa é que não possuem voz por terem sido invadidos pela vociferação, representada pela crueldade presente na indiferença materna. A voz inserida na linguagem, é a que se fala, estuda e faz parte do laço social, mas a estrutura que dá a voz ao sujeito, está relacionada com a pulsão, que faz advir a diferenciação necessária para o existir do sujeito. Estes personagens possuem uma desvitalização como sujeito, vivendo sem interesse.

As mães estão presentes todos os dias, os filhos possuem casa, cama arrumada, roupa, são alimentados, vão à escola, recebem estes cuidados, mas não há investimento de afeto destas mães nem interesse, mesmo quando retornam a casa após vivenciarem o extremo da crueldade na escola.

No caso de *Marvin* ao voltar com o rosto machucado, sua mãe lhe pergunta se brigou na escola, ela o olha, mas não o vê, ele sabe que é uma pergunta vazia, não há real endereçamento e portanto, não há a espera de uma resposta.

Já com Black, ele é levado para casa, após ter sido socorrido por um traficante que conta à mãe o que houve com seu filho, ela simplesmente diz que o filho sabe se cuidar deixando claro que o filho é seu. Em ambos os filmes os meninos sabem que suas mães os olham, mas não os veem, entendem o lugar que ocupam para estas mães. Lugar este representado novamente nas cenas seguintes.

Marvin escutou na mãe que podia ter nascido como o irmão, na privada, não há qualquer constrangimento em colocar, explicitamente, seu filho no lugar de dejetos, de cocô. Já a mãe de Black, que é usuária de crack, passa por ele, ou procura dinheiro nele, para comprar drogas, sem perceber sua existência, deixando-o no lugar de coisa.

Outra atitude constante dos dois personagens é a observação em silêncio das situações sendo que Marvin sempre se encontra no mesmo lugar, no canto da escada, o seu canto, lugar que não incomoda a passagem, onde pode existir e passar despercebido. Em compensação, Black permanece, em todas as cenas num lugar qualquer, num lugar vazio.

É relevante o quanto estes dois meninos sabem que não são investidos pela mãe e também que não podem receber os cuidados de pessoas externas ao casal parental. Os personagens são tão passivos que não reclamam nem reivindicam ou incomodam suas mães, mas aceitam os cuidados de terceiros fazendo questão de que suas mães não saibam.

Em ambos os filmes, o silencioso e apático sofrimento dessas crianças, toca a compaixão de pessoas externas ao casal parental, que se solidarizam com eles. Eles são reconhecidos pelo olhar externo, os outros o notam e conseguem ser socorridos, mas não demandam essa ajuda.

Marvin e Black conseguem algum contorno na vida adulta, pela identificação, encontram saídas no lugar de existência, de identidade, há uma construção da identificação, se contam no mundo não no lugar de resto, mas no lugar dado por estas identificações externas, vindas de modo contingente, que os definem imaginariamente: “*agora sou este*” – esta é a frase chave do filme *Moonlight*, quando Black decide ser um traficante. Não há elaboração, somente atos de identificações.

A identificação é uma escolha, faz a formação do *eu*, os dois meninos fizeram esta escolha com estas pessoas externas ao casal parental. Após ser socorrido pela diretora da escola que o leva para o teatro com outra turma, Marvin na vida adulta irá se identificar com o diretor de teatro que o acolhe, embora ele nada lhe demande. As saídas vieram de fora, de um encontro contingente. Há, portanto saídas possíveis que vão reconstruindo o cuidado, mas não a função, sua subjetividade permanece apática, distante, indiferente, quase intocada.

Outro momento importante nos filmes é o encontro dos meninos com as ‘barreiras a crueldade’ citadas por Freud e Mauro Mendes Dias.

Marvin recebe olhares de compaixão e solidariedade no decorrer na vida: a diretora da escola, o professor de teatro, o homem mais velho, a atriz. Ao final, Marvin encena sua própria história e em cada cena ele apenas reedita as cenas de crueldade vividas na infância, não há uma elaboração de seu sofrimento.

Uma bela cena em *Moonlight*, ocorre quando Black e o traficante, que ocupa este lugar de identificação, estão olhando para o mar, sob a luz do luar e o traficante lhe diz: *em algum momento você vai ter que decidir quem você vai ser*. Neste momento, o traficante o reposiciona na tentativa de achar um lugar no mundo, ou ele passa despercebido ou vai achar um lugar. Black escolhe um lugar, toma uma decisão, se torna o traficante na vida adulta.

Já Marvin permanece sem qualquer nuance de decisão, há um comprometimento subjetivo mais conectado, mas não deixa de carregar uma apatia e distanciamento, inclusive de si mesmo.

A relação da diretora e do traficante com os personagens restauram a possibilidade do cuidado ser restaurado e de alguma forma os meninos se deixam ser tocados e ao serem investidos conquistam o advento de alguma voz. É condição de estarem vivos.

A crueldade se manifesta quando há a recusa de reconhecimento do sujeito, no sentido de sujeito diferenciado. Marvin e Black nos momentos que vivenciam extrema crueldade na escola se reconhecem nas cenas porque se consideram objetos que não foram reconhecidos pelo outro que, neste caso, é a mãe, além da posição absolutamente coadjuvante, discreta, do papel paterno nos dois filmes. A crueldade na escola, apenas reedita o lugar de dejetos que ocupam para a mãe. De forma duplicada, a vociferação o invade, tanto na forma de indiferença materna, quanto na forma de objeto eleito para o deboche dos colegas. A vociferação de ambos os discursos é a exclusão subjetiva reserva a estas crianças, tomando o lugar da voz, no laço social, na relação com qualquer outro ser.

As formas de laço de ódio e amor que são constitutivas, nestes casos, não são pelo grito e sim pela indiferença, o não reconhecimento no afeto gera desconhecimento de si, assim só reconhecem a indiferença, se tornando adultos apáticos inclusive no sexo, seja Marvin com parceiros (vida adulta) ou parceira (na infância) ou no caso de Black que vive uma vida dessexualizado. Neste momento também há uma decisão de Black, a de não ter relação sexual.

A passividade antecede a escolha sexual ou qualquer outra escolha na vida. Sujeitos passivos e apáticos não fazem escolhas. Parecem não saber que poderiam escolher.

Mauro Mendes Dias fala que “existe um retorno de atenção para o olhar recebido nos atos de crueldade, um retorno do olhar precário que receberam por toda a vida. Estes indivíduos não possuem qualquer apetência de chamar a atenção do outro, provocando então efeitos na própria imagem”.

Assim sendo, o sujeito marcado pela indiferença materna pode herdar traços de passividade e indiferença que se assemelham a questões melancólicas, mas não possuem a mesma ferocidade. Este efeito ocorre pela fixação da condição de resto, debatida por Freud intensamente como o lugar eleito pela melancolia, pois desta maneira o sujeito não tem voz, e a voz é o lugar que causa desejo, lugar do sujeito no discurso. Portanto onde tem vociferação não existe voz.

Para a psicanálise a voz, como descrita acima, se difere da voz inserida na linguagem e na lei, o mesmo ocorre com a expressão *indiferença materna*.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou a reflexão de uma crueldade que esta velada, de difícil percepção. Após as análises dos filmes elaborou-se a hipótese que a crueldade presente na indiferença materna extrema coloca o filho na condição de *nada*, já na indiferença sutil, o filho fica na posição de *resto, coisa*.

O traço de crueldade observado nesta pesquisa toca a indiferença, tendo a passividade como herança, característica esta bem clara presente nas cenas em que os meninos são alvos de atos cruéis na época escolar.

A criança mal-amada, tem dificuldade de amar na vida adulta. O que se observa é que a origem e transmissão da crueldade caminham juntas, como se fosse uma dobradiça: mãe /criança e adulto/relação sexual. E a passividade gerada antecede a escolha sexual ou qualquer outra escolha que se faça na vida, já que sujeitos passivos e apáticos não fazem suas próprias escolhas.

A passividade e apatia são condições de sofrimento psíquico, existe um adoecer subjetivo, que merece tratamento e esses sujeitos possuem poucos recursos subjetivos. Não se sabe como esses sujeitos serão marcados pelas contingências da vida, nos filmes essas identificações foram construtivas, mas poderiam tê-los levado ao abismo.

O que é proposto neste trabalho é que o tratamento psicanalítico pode possibilitar o rompimento do circuito da crueldade, fazendo com que o sujeito seja capaz de encontrar alguma sua voz.

Referências Bibliográficas

- ANNE F. (2017). **Filme - Marvin ou La Belle Éducation**, de 2017, Festival Varilux de Cinema Francês em 2018,
- BERRY J, (2016). **Filme - Moonlight: sob a luz do luar**, de 2016, direção filme ganhador do Oscar 2017
- COLLI, A. M. (2019) **A crueldade entre mãe e filha**, disponível na Biblioteca Virtual do Instituto Vox: www.voxinstituto.com.br
- DIAS, M. M. - **Projeto vociferações e seus tratamentos possíveis** – vídeos – Todas as apresentações públicas disponíveis Biblioteca Virtual do Instituto Vox: www.voxinstituto.com.br
- FREUD, S. (1905). **Três Ensaios sobre a Sexualidade" In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD, S. (1917[1915]). **Luto e Melancolia" In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- JACQUES, H. (1995). **A Crueldade Melancólica" In : Civilização Brasileira**, 2002
- LACAN J. (1956/1957). **Seminário 4 A relação de objeto**, Ed Jorge Zahar 56
- LACAN J. (1953). **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, 2001
- SANCHES, D. R. (2018). **Notas sobre silêncio e passividade ou Luto e Melancolia: falências da demanda**, disponível na Biblioteca Virtual do Instituto Vox: www.voxinstituto.com.br
- LARS V. T. (2011). Filme **Melancolia**
- SANCHES, D. R. (2019) **Fundamentos psicanalíticos para um estudo da crueldade** - vídeo. Pesquisa em Psicanálise, eixo Crueldade e Infância no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise
- SANCHES, D. R. (2019). **Crueldade e Manejo da Verdade: notas sobre o véu e a máscara**. Disponível em: www.voxinstituto.com.br, disponível no site do Instituto Vox, pelo link Instituto Vox TV